

CONCERTO AO VIVO

CONCERTO AO VIVO

Rosa Alice Branco

&etc

2012

CONCERTO AO VIVO
de ROSA ALICE BRANCO

© da Autora

é uma edição & etc
produzida por Edições Culturais do Subterrâneo, Lda.

Rua da Emenda, 30, sub. 3;
1200-170 Lisboa; telef. 21 347 19 55

CAPA:

Ao meu irmão João

As referências e pequenos excertos são retirados de canções
do álbum *Maria Bethânia e Caetano Veloso (ao vivo)*.

*Se lembra do futuro
Que a gente combinou
Eu era tão criança e ainda sou
Querendo acreditar que o dia vai raiar
Só porque uma cantiga anunciou
Mas não me deixe assim, tão sozinha
A me torturar
Que um dia ele vai embora, maninha
Prá nunca mais voltar*

«Maninha», CHICO BUARQUE

*Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido
Sim, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
No tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido*

«João e Maria», CHICO BUARQUE

*Agora era fatal
Que o faz-de-conta terminasse assim
Pra lá deste quintal
Era uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo
Sem me avisar*

CHICO BUARQUE

O sol amadurece antes do verão.
Tenho medo que se ponha
antes da hora e não posso demorá-lo,
nem o sei. Os tempos dos verbos têm
alguma coisa a ver com este silêncio.
As fotografias com velas ou flores também
pertencem ao quadro clínico deste futuro
póstumo. Ainda ontem combinámos os risos
e o dia, as tuas pernas ágeis continuam a correr
nos campos do quintal, mas agora o medo precipita-se
como desce o sol. Fechar os olhos não me impede
de sentir esgotar-se o derradeiro estúpido amarelo
sem saber se alguma coisa em vão se perde
do teu riso. O sol amadureceu no frio. Quem diria

as gotas de suor que salpicam o lençol como
no calor extenuante de um dia de verão.

Diz-me maninho
para que serve a minha mão se fores embora
e eu nunca mais voltar?

Atrasei-me ou foste tu
que saíste antes da hora?
A chave é um relógio
eternamente certo.

As dúvidas não cabem na fechadura

Há uma menina antiga nos teus olhos.
Todas as manhãs espera que acordes
para ver tudo o que vês. Não sei
como aguenta essa roda-viva em que
a trazes. Também nós te vemos deste lado
onde agora caminhamos ou coisa parecida
e há muito que deixámos de voar. Só quando
entramos na infância ao mesmo tempo
é que dizemos: — deve haver um cruzamento
para lá. Mas é tão raro achá-lo e nunca dizes
se também te perdes de nós porque entrar na infância
é só dizer o que foi dito de outro modo.
O quintal guarda-nos as sementes.
Estão depositadas num cofre que perdeu a chave.
Através das paredes ouço um riso de menina
e uma casa à ilharga. Quando anoitece ela livra-te
das sombras enquanto puder crescer.
Não a deixes assim à espera

sem lhe dizeres que não vais acordar

A casa tem pó nas dobras
do vestido.

Tem uns dias mais
que a tua ausência

Ando pela praia. O que procuro é o farol
que roncava nas manhãs de neblina.
Ao menos sabíamos isso e vestíamos casacos
para agasalhar a vista. Mesmo às cegas
atirávamos o riso à água e ele voltava sempre
em ondas circulares. Tirar as sandálias
para sacudir o medo e deixar a alegria descalça
passear pela casa.

Depois que a noite veio
a lua põe-se a boiar dentro das paredes
e damos a mão para não crescermos.
Nem eu sei onde estás no tempo.
Agora só te encontro ao voltar da escola
por aquele caminho que ainda não fizemos

Acho que te odiei
no dia em que mataste a joaninha.

Lembro-me que chorei toda a tarde.
A outra metade
era eu a ver-me chorar

A minha infância era eu
a correr na relva,
a ler histórias às bonecas,
a fazer malabarismos nos muros,
a brincar aos polícias sem ladrões por cima das garagens,
a devorar os livros do meu pai enfeitada
por cada personagem. Ah, eram páginas ávidas
onde dardejava tudo o que à cidade faltava.
É preciso dizer as três árvores seculares diante da casa.
Se estou aqui é porque me agarrei à seiva delas
com o corpo todo colado e os braços em volta do seu tronco.
As árvores não davam horas mesmo quando as folhas caíam.
Havia nomes vagos como outono e as cores eram logo
desarrumadas pelo vento. Eu amava
as minhas personagens e os amigos do meu pai
que falavam baixinho de costas viradas
para a ditadura. — Coisas de gente grande, dizia o João
empoleirado no cimo da árvore onde insultávamos
o regime porque sim e mais ainda por imitação.

A minha infância era eu a olhá-los
e a pensar que nunca mais crescia.
Agora somos todos pequenos

Passas-me o pão e o café.
O pão é um bom pretexto para começar
o dia. Íamos conversando cheios de tempo
e o cheiro do café tornava as palavras
aventurosas.

Ainda não me tinhas dissolvido
nas cores da noite

Hei-de dar-lhe um nome de avó por cima dos óculos
onde nos vê pela janela do pátio do hotel
onde reinava com os dedos a bulir, rindo
das canseiras e tristezas. Nas mãos
cheias de mimos cabiam os netos e a filharada
da aldeia. As árvores enchiam-se de ninhos.
Éramos nós os pássaros barulhentos
e a cozinheira chamava-nos para o almoço
com o carrapito cheio de proezas
na toalha branca. Esfalfava-se desde manhã
cedo para nos pôr no bico iguarias ímpares
e derretia-se quando esvoaçávamos para casa.

Um dia as tuas mãos de criança amadureceram
num ápice e fomos caindo sem sementes

Eram esguias as raparigas.
Iam buscar água à fonte
em bilhas de barro e nem o peso
diminua a elegância do pescoço altivo.

Mal podiam, os rapazes iam ter com elas,
mas a água, as raparigas e eles
nunca mais chegavam.

Devem ter morrido de sede

DAS ALMAS COM PERFUME DE JASMIM

A primavera rebenta pelas costuras.
As raparigas regam as flores
com a camisa a abrir pelos botões
de rosa e os brincos de princesa.
O vermelho vibra pelo furo da orelha.

Há qualquer coisa que ignoramos no cheiro
de todas as flores, a flor da mão,
os seios asfixiantes de jasmim

Cabelo de brilhantina em popa, a boca a babar
de palavras feitas
no jornal e nas revistas
que o patrão deixa na garagem.
Passeio de domingo na mata,
a miúda boa, até vale a pena
das palavras caras:
— O tronco da bétula
é como a fina mortalha de um cigarro.

Os olhos da rapariga só vêem a árvore
e a boca dele a desenhar-lhe o nome.
Talvez lhe apeteça fumar
(matuta ela)

Veio do monte com um cesto à cabeça
e um queijo de cabra. Tinha saias rodadas
e logo mãos folgazãs começaram a arreliar por elas.
Talvez fossem estas coisas que a mãe prevenia e
a testa do pai arrugava. A mãe não tinha dito
que as mãos dos homens ardiam entre as coxas,
que as pernas tremiam de querer,
que a memória se evaporava com a ebulição
licorosa que descia pelo corpo. Talvez não fossem
estas mãos que agonizavam o coração da mãe,
e a cada afago a rapariga gritava tanto para afastá-las
quanto deixava tudo sem saber o quê.

A agitação das noites quentes de estio. Os homens
e as raparigas tinham de vir tomar ar.
Era preciso pôr as mãos
em qualquer parte

O miúdo atrás
a gatinhar pelos muros altos
e tão estreitos.

Resistimos sempre a deixá-lo longe
do perigo fora de nós

Carcará
Pega, mata e come

JOÃO VALE

Passaste a tarde a atirar pedras aos frangos
que corriam à toa no fundo do quintal
e o mais novo imitava todos os pedaços
do universo que lhe concedias. Tinha menos
pontaria mas havia tempo e tantos franganitos.

Ao jantar foram obrigados aos cadáveres
pela voz do pai que vos abria a boca.
O silêncio da mãe arrancava a lua da janela
e o barulho do mar era mansinho
como se nos estivesse a roubar a infância.

Parado na sala de jantar
o silêncio pesava como as pedras
e era mais certo

*Um filhote de leão, raio da manhã
Arrastando o meu olhar como um imã*

O futuro que combinámos
escreve-se para trás.

A vida sofre de iliteracia
e nós sofremos das palavras
que havias de dizer e já não são.
Raio da manhã

atrás do sol

Os pais pensam nos filhos dos outros
como crianças vestidas e maneiradas
com aprumo de missa de Domingo. E queriam
que os deles fossem assim, que lhes dessem
um pouco de sossego, mas já a chávena cai
e o pires atrás com o barulho da colher
a tinar o chão. A travessa vira na toalha
o peixe com ar esgazeado, as batatas dançam,
o molho esparrama-se na saia da mãe, o teu riso
passa para a nossa boca e os olhos postos na toalha.
— Ai João, porque é que só fazes asneiras?
— Porque sim.
E fitavas os pais que lá chamavam o papão
ou o homem do saco.

Talvez fitasses por cima deles
alguma coisa que não viste

— Chega-te para lá,
dizíamos uns aos outros
no banco traseiro do automóvel.

O fim do banco depois de nós
era a dois passos
que nunca percorremos

Foi durante uma viagem para lá dos montes.
Havia caminhos nas palavras e sons de flauta
trepadeira até às arestas da estrada. Vinham do rio,
tudo vinha do rio ou do olhar alumbrado pelos socos
descendo para o reflexo da água. — Se formos por aqui,
dizias no mapa, mas perdíamos-nos assíduos
porque em cada um havia mudanças fundas
e não queríamos que elas se afastassem de nós.
Em cada mapa acontecia um outro que se estendia
nas mãos. As flores à beira da estrada iam mudando
de cores e os troncos caídos eram jibóias, — não te rias, Joni
juro que eram, vai lá troçar para longe!
Mais tarde dizias que o galho ali no meio da estrada,
talvez fosse da luz, ou então não sei,
parecia caído duma natureza morta.

Eras tu que já não eras e ocupaste
todos os lugares da tua ausência

A mesa está suja
e a cadeira tem restos mortais
de tanta gente.

Onde pousar a próxima dúvida?

*Quanta tristeza
Sinto no peito
Só em pensar
Que o meu sonho foi desfeito*

CAPIBA

O piano foi exilado para o vão
da escada e as notas passaram a tocar
a luz da janela em frente.

Os hóspedes antigos estariam num lugar
assim, com menos luz. Era pequena e já magicava
estas coisas que ainda hoje me assustam. Nem sei
como pensar em ti. Há sempre uma criança fustigada
pela dor em mim que quer saber se em ti há outra,
ou uma dor assim. Uma criança que se sente traída
porque nas teclas nenhuma nota alertava
para não estares aqui. Sabia que há hóspedes que voltam,
outros não, mas era um saber incerto
ainda que depois recordasse pequenas coisas
como um lenço bordado e um leque colorido de calor.

Quando o piano era o centro da sala

ninguém podia adivinhar como a música
e o perfume das senhoras sentadas
se entranha por todos os cantos da memória
golpeada pelas pancadas secas dos dias de chuva
que depois vieram. Nós sentados à sombra
de um triste piano naufragado. A nossa cabana
de risos e o nosso tecto de silêncios na mesma cadência
com que se aprende a tocar o chão.

As raízes ainda me agarram ao fundo

O teu rosto radioso
caminhou para a noite.

Já os faróis do carro
estavam mortos

As mães só falam uma língua
e sabem o que cada palavra significa
para não se perderem dos filhos.

Desde que falam para dentro de nós,
as palavras que as amedrontam
são as que vêm de fora.
Apressam-se a expulsá-las
e tentam esquecer que as dissemos.

Quando os maridos lhes lançam a rede
são as palavras que as enchem de desejo
e gemem de medo

As mães deixam de saber quem são
porque escolhem ser-nos.

É uma afirmação peremptória
antes de começarmos a crescer
para onde nos perdem o rasto
e já não se encontram.

Algumas abençoam-nos por isso.
As outras põem filhos
e depois comem-nos às escondidas
do coração

As mães são outra coisa
outra massa outra farinha
peneirada como quem semeia.
E de qualquer terra nasce o fruto
já maduro e elas teimam
que não está pronto para a colheita:
— não está e pronto

A azáfama daquelas mulheres
na cozinha ou no pátio. Desgrenhadas,
magníficas de faca em riste
ou semeando milho pelo chão.

À noite saíam cheirosas
e penteadas. Entravam
cheias de sonhos na cabeça:
pequenas lêndeas
nos cabelos desfeitos em lágrimas

Elas esfolam os coelhos
com as mãos que enlouquecem os homens,
com as mãos
que lhes desapertam a braguilha
quando os coelhos exalam a luxúria
do fogo
e nada as detém.

O olhar é diferente das mãos:
mais carnívoro e cheio de esperança.
Depois eles atam-nas de vez.
E todas as noites dentro do coração
elas desferem golpes gritantes
porque não sabem esfolá-los em segredo

— Emprenhei-a, eu sei,
mas era cá uma moçoila.
E no altar, fresca, aperaltada,
cheia de promessas divinas
escondidas no aberto do olhar.

Agora quando a consegue comer
sabe que comeu gato por lebre

As mãos dos homens roçavam-lhes
a saia, o peito matreiro
e tudo as fazia rir.

Entre olhares
afastavam-se um pouco,
iam indo aos pares
e criavam ninho mais além.
Mas ainda vi o peito de uma
a saltar da blusa cheio de calor.
O porco grunhia no curral.
Cheirava a feno.

Era noite
e eu uma miúda invisível

— Ai, João, não tens emenda.

Corrias a aninhares-te nos braços da mãe.
Ela embalava-te o mimo e de repente
saías disparado.

Um dia foste saindo imóvel,
mas já não estavas nunca

*E ensaiava um rock
Para as matinês*

CHICO BUARQUE

Eram tardes de loucura
infiltradas na rigidez dos pais,
dos amigos, das coscuvilhas
e até das criadas que folgavam.
As mães cegavam a vigia cerrada
às filhas, mas cuidado que as mães
têm olhos sobresselentes
na roda do vestido. Também se vigiavam
umas às outras nestas cidades pequenas
onde tudo se sabe e mais se desconfia
com o olhar límpido que ri das piadas de salão.
Não esquecer como seguiam a deslocação dos maridos
e se eles desapareciam para fumar, as senhoras
tinham de repente falta de ar. Todos se encontravam
no umbral do jardim, todos recomeçavam o jogo.

Depois da euforia do rock dançavas coladinho
ao chão e a ela: *je t'aime, moi non plus.*

Era estranho ver-te assim quieto
mesmo que fosse só por mais um slow.
O olhar dos pais estava longe de dançares assim.
Fora disso posso dizer que o teu comportamento

era irreprensivelmente colado ao chão

Quando todos estavam deitados
descias pela coluna da varanda.
Às vezes era só por tropelia
ou uma partida de bilhar.

De manhã
ao passar à beira do teu quarto
a mãe chamava-me baixinho:
— Olha, dorme como um anjo.

Agora um anjo dorme como tu

Tinhas o condão de desesperar a mãe
que te cobria o corpo de ameaças:
— Fecho-te na despensa. Ficas sem sair
no fim de semana. Não comes sobremesa
durante um mês. Vem, meu querido,
a mamã fez aquele doce que tu gostas.

Corrias lambareiro, correste para fora
de todos os lugares onde te procuramos

Sempre achei que a casa
era grande de mais para lá cabermos.
Agora prendes-me à cintura
pelo botão que se desaperta.

Nunca pensei que cáisses.
Mas não havia linha, só a casa descosida
e agulhas, agulhas é o que mais há

a doer na pele da tua ausência

*Pois hoje só dá erva daninha
No chão que ele pisou*

CHICO BUARQUE

O carvalho ressuscitou depois da tempestade
o ter arrancado. Davas corridas de alegria
com o bibe sujo da terra milagrosa:
terra nas tuas mãos e no corpo dos homens
empapados de suor. Todos tiveram direito
a bebidas e o vinho não faltou. Mas a alegria
mais que do vinho era da vida, da árvore
que ainda hoje é lá depois de nós.
O que quero sermos está no carvalho secular
e não na ruga aberta onde te esvoaçam as cinzas.
Mas cada palavra de ausência
tem que ser chupada como veneno de cobra.
Incha-me a boca e os olhos vêem-te como
sempre foste mesmo nas horas tardias:
o terrível *lucky man* capaz de todas as proezas
sem perder o encanto. Agora que tirei o tempo
dos avessos, tenho tudo por dizer mas as mãos

que plantam abandonam-me e afundo-me
longe da alegria. E confesso que quando
venho à tona dou comigo a perguntar

porque não aprendeste a ficar cá

No inverno não havia razão
para saírem à noite.
Enquanto as raparigas cardavam lã
e a avó cantarolava com as mãos distraídas
já os homens acariciavam o sonho
da hora de saída.
Elas agasalhavam-se todas
e diziam boa-noite à pressa.

As coxas quentes
ardiam de frio

O ervaçal é o leito
onde os suspiros se deitam.
— Tenho de ir andando.
Pensavas o quê? A minha noiva
sabe guardar-se.

A noiva deitada em outra erva
calcava-a com mais afinco
e confesso que gritava entre os dedos
de silêncio

No verão os quartos dos ajudantes
de cozinha enfileiravam-se
no pátio, por baixo dos pombais.
Mais acima os brincos de princesa
repartiam o vermelho com as ameixieiras.
Ao pé das telhas, num carreiro apertado
escutávamos o ranger das camas,
o atropelo de pernas, os gemidos
que escapavam entre os dentes.

Sabíamos o suficiente para estar ali
ausentes

Às vezes sabia-se.
Meios pequenos e o serão,
Ou o rio onde se lavava a roupa
suja. Havia muito barulho,
namoros desfeitos e às vezes
uma faca entrava na carne
de um deles: mais ou menos tenra.

Cheirava a cera imaculada,
a limpo, esfregado, arrumado.
Tudo brilhava na casa.
Os cabelos da mãe penteados
fio a fio
brilhavam ao longe.

Eu ficava antes do abraço,
no estreito triângulo do rosto
que a mãe nos concedia para o beijo:
pepita de ouro polido
longe do cabelo.

Quando adoecíamos a mãe
desvelava-se em cuidados.
Não conhecia o sono nem
a fome. Só a nossa cabeceira
e o medo eterno.

Nessas alturas a dor dela brilhava
perto de nós

Nada a apontar ao seu amor,
eu sei. Nada que não fizesse
por nós. Aquele ar distante
era a excessiva proximidade
de outra coisa. Resumir os sonhos.
O marido a chegar a casa com a lapela
cheia de ar fresco e as sementes
do acontecer a caírem dos bolsos.
A euforia do que não se conta
a ler-se nas linhas dos olhos impunes.
Confinada a esta vida
com filhos pequenos. Graças a deus.
As mãos elegantes apertavam
entre os dedos finos as uvas
sem grainhas. Abríamos a boca
e o coração. O nó na garganta da mãe

não vinha daí, não

Depois de estar lavada e vestida a preceito
a mãe vinha beijar-me e perguntava-me
coisas que nem sei se ouvia.
No seu olhar, o espanto rotineiro
de eu ser real, de estar ali fora do ventre.
Às vezes fixava-me para ter a certeza
mas não chegava a ser demora.
Eu tentava contar-lhe qualquer coisa
que a retivesse e tudo o que queria dizer-lhe
se afastava-se à medida que falava.

Era sempre um adeus que dizia
nas mesmas palavras
que a queriam abraçar

Havia essa distância do teu cabelo
imperturbável e a outra
que nos compeliu às palavras que atirámos
e aos gestos que podiam ter lavrado
este terreno fértil. Sabes,
às vezes o amor tem destas coisas.
Mas só quando as mãos se desdobram
pelo espaço que não percorremos
e ficamos a ruminar as mil maneiras
com que adoçaremos a próxima vez,
essa que já veio e se foi sem glória,
como um autocarro
que passa de quando em vez de.

Agora são os meus olhos que exigem
esse zelo. Escrutino-te as ondas, o fio
dos cabelos, até estares rigorosamente
penteada. E não te desajeito
com um abraço sôfrego porque agora sei
que posso beijar-te desalmadamente

Os olhos rasam-me as lágrimas
sempre que a deixo com esta falta
entre nós. Às vezes ainda vejo as dela
pelos descaminhos que inventámos
na extensão do amor. E custa desconhecer
se ao menos a mãe sabe isto no coração
dos ramos, se sabe que é a árvore
de todas as estações onde deço
para a encontrar

As clareiras podem encadear-nos
com uma luz que nos queima
de longe. O rosto da mãe sempre
coberto por uma neblina
que me deixava perdida
como se um temporal tivesse furado
o cerco das árvores. O pior não é isso
quando me vejo hoje. O pior é ter esculpido
esta força que às vezes me esmaga e não adianta
dizer-lhe que pode baixar o cerco,
não há tratado de paz que a deixe tranquila.
Se conseguisses ver para lá do cerco
que me torna invisível ao teu olhar de mãe
podias sentir como só tu sentes
que agora sou eu quem tem medo

que o nevoeiro me esconda de ti

Todas as tardes deitavas por terra
a roupa do varal.

A espada de madeira
ficou no chão, no meio da erva
daninha de silêncio.

Sabia que todos fomos vencidos

Eras só baba e ranho quando
te perdeste na feira. Um domingo
apinhado. Chovia, terias 3 anos
e um sobretudo cinzento
como num filme antigo
em que as crianças perdem a cor.
As lágrimas de te encontrarmos
fizeram uma corda por onde subimos
para as enxugar. E logo desataste os nós
como um pião já sem barço.

Esse dia vai humedecendo
até ao fim dos dias

Há no feno um doce reino encantado
que as saias das raparigas
sabem interpretar.

Os machos mais literais
chegam ao cúmulo do prosaico.
Pensam eles que atacam as estrofes
com talento

As raparigas acendiam a lamparina
e sonhavam às cegas. Às vezes ainda
trocavam de sonhos. Se calhava
uma invejosa punha-se a troçar e a chamar
as outras. E riam com a voz abafada
e os olhos remelados mirando a rapariga.
A pouca luz parecia delatar-lhe o rubor
envergonhado e ficava a remoer e a arrepender-se
enquanto as outras já dormiam
com os mesmos sonhos calados.
Se pudesse fugir agora não tinha de as encarar
e adivinhar debaixo dos olhares
o que riam dela. Mas a mãe era sozinha
e ainda ganhava menos, às voltas com o irmão
pequeno, filho de um qualquer, o pobrezito.

E a manhã vinha cansada,
com as mãos apertadas ao pescoço

O milho salpicando o pátio
com o riso das raparigas
e o ruído seco dos lenhadores.
Cessava por momentos
enquanto levavam a mão
à testa onde o suor escorria
para os olhos. O mesmo suor

com que mordiam
o busto fresco das raparigas
ao cair da noite
ao caírem nelas

Umas com as outras aprendem a rir
do mesmo logro. Às vezes uma casa-se.
— Boa rapariga, diz a senhora. Elas dizem
que era feia como o demo.

Mas naquele dia branco
vistas e aperaltadas
antes queriam ter dado ouvidos
à mãe, ao laço do avental
quando gritou ao desfazer o nó

O avental escondia o que elas queriam
mostrar. O laço desaperta-se
com as mãos que lhes cobiçam o corpo
e a touca tomba com o relógio
adiantado. Nas curvas redondas
havia príncipes onde agora os suspiros
declinam sem promessas

Também já as espreitavas
e às vezes atrevias-te matreiro
com a manha que aprendias no rosto
dos homens ou mais baixo.
Mas ao menino tudo se deixava.
— É só traquinas e nesta idade
estar quieto é de doença.
Cala-te boca, não vá o diabo.
E ria-se com as outras, amassava o pão,
a farinha espalhando no ar
um gesto branco.

Só traquinas, coitadito,
veio o diabo

O dia está sempre a exigir
contornos precisos para as coisas.
O nevoeiro vem à revelia
como uma afirmação de adolescente.

Mas a tua noite dorme
na minha almofada com uma nitidez
que não nos deixa dormir

*Gosto de te ver ao sol, Leãozinho
De te ver entrar no mar
Tua pele, tua luz, tua juba*

CAETANO VELOSO

Ribanceiras na tua mão, alfaiates
trabalhando na bacia das fontes
cortam a água e os fios de sol
com passos rápidos e nós salpicamos
as tesouradas com as mãos traquinas
e algumas pedras. Os alfaiates
entram em círculo: linhas finas abrindo
o tecido das águas. Escondemo-nos entre
os abetos gigantes da Fonte Fria. O teu rosto

safado a espreguiçar a juba
e a rir-se para esta ferida
que nunca, de te ver entrar no mar

Pensei que ia ser assim. Tu a fugires
e a mãe inquieta até chegares
com o tropel de asneiras
que te seguiam como um cão.

Mas era um cão vadio
que não sabe a volta

Poder dar-te um beijo simples. Descer
por ti os olhos de filha amantíssima.

Ou ser outra e o coração deixar
de fazer perguntas de nós

Quanto te foste cada um foi
por si. Tu dizias que o amor dela
podia tropeçar com a cegueira
das mãos abençoadas.

A porta esquecida no trinco
e as raízes expostas.
A mãe sem ter onde apegar:
as mãos caem na terra
e apodrecem ao sol

Eu achava que eras tu quem partia
e nós ficávamos juntos porque estar
assim era sentir-te. Mas estás no centro
de uma roda desfeita por um vento de nada,
uma página aberta noutra página
e a mãe anda a esmo sem emprego
de mãe. Não quero que seque

sem braços de chuva pegada

*Porque foste em minh'alma
Como o amanhecer*

TOM JOBIM

Maninho, galgámos a nossa história
desde que lhe puseste um fim.

Andamos para trás.
À frente há um desvio para lá

CONCERTO AO VIVO

foi composto e paginado por Pedro Serpa cabendo
a montagem, impressão e acabamentos à Editorial
Minerva; Rua da Alegria, 30 — 1250-007 Lisboa

Março de 2012

DEPÓSITO LEGAL N.º 325 614/12

ISBN 978-989-8150-??-?

